

E QUANDO UM PAPEL MORRE? CONTRIBUIÇÕES DO PSICODRAMA PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DO LUTO DE PAPÉIS POR IDOSOS

AND WHEN DOES A PAPER DIE? CONTRIBUTIONS OF PSYCHODRAMA TO THE REFRAMING OF ROLE MOURNING BY THE ELDERLY

Taynara Miranda¹

Gabriela Pereira Vidal²

Amanda Castro³

RESUMO: Luto não é apenas de morte, mas sim todas as perdas perante a vida, então se refere também a perdas de papéis. O idoso precisa lidar com a perda dos filhos dentro de casa ou até mesmo a perda do corpo mais jovem, somando-se às perdas relativas à morte, entre outras, que causam inúmeras mudanças na vida. Neste artigo será relatada a sessão inicial de Psicodrama em um grupo de idosos com a temática luto. Neste, por meio dos vínculos foi possível fortalecer os papéis desses idosos de forma saudável e criativa, demonstrando a importância dos grupos com o resgate da autoestima e no sentimento de empatia. **Palavras-chave:** Luto, idoso, psicodrama.

ABSTRACT: Grief is not just about death, but all the losses in life, so it also refers to the loss of roles. The elderly need to deal with the loss of their children at home or even the loss of a younger body, adding to the losses related to death, among others, which cause numerous changes in life. In this article, the initial session of Psychodrama in a group of elderly people with the theme of grief will be reported. In this, through the bonds it was possible to strengthen the roles of these elderly people in a healthy and creative way, demonstrating the importance of the groups with the rescue of self-esteem and the feeling of empathy. **Keywords:** grief, elderly, psychodrama.

1. INTRODUÇÃO

O Psicodrama, criado por Jacob Levy Moreno, lida com um problema em que um indivíduo em particular ou um grupo de indivíduos, estão engajados de forma privada com a intenção de procurar sentido para a existência vazia de significados (Moreno, 1971/1992).

Conforme Ferreira (1986), o “luto” pode ser compreendido como a privação de alguma coisa que se possuía; da presença de alguém; ausência, falta, morte, a perda de vidas, de trabalho, de saúde e relacionamentos entre tantas outras perdas ao longo da existência humana.

¹ naarah-miranda@hotmail.com

² gabrielavidaal@gmail.com

³ amandacastrops@gmail.com

O processo de envelhecimento culmina em perdas, gerando lutos de papéis que afetam intensamente suas vidas. Considera-se impactante quando o idoso se depara com alguns eventos marcantes como: a saída dos filhos de casa; restrições de convívio social e lazer; processo de aposentadoria podendo haver afastamento de suas atividades laborais e de produtividade e redução de renda; senso de utilidade abalado; constatação de morte entre os pares; enfrentamento da viuvez e solidão; ausência desvalorização nos papéis desempenhados, surgimento de doença ou comorbidades; declínio da beleza e saúde física; perda de sexualidade e perspectiva de futuro (Bromberg, 2000).

Com este trabalho, objetiva-se compreender as contribuições do psicodrama no processo de luto dos idosos, e conseqüentemente resgatar espontaneidade e criatividade através do fortalecimento de novos papéis, levando em consideração a dor e dificuldade de cada integrante do grupo.

1.1. Moreno e o Psicodrama

Jacob Levy Moreno foi o criador da Socionomia, que tem como um de seus principais objetivos o desenvolvimento da espontaneidade e criatividade para garantir amadurecimento, autonomia e a transformação do homem e da sua realidade social (Marra, 2004). Cukier (2018) postula que o conceito geral da teoria “Socionomia”, se divide em três ramos independentes: a sociodinâmica, a sociometria e a sociatria, aqui nos concentraremos nessa última, que é foco deste artigo.

A Sociatria procura desenvolver métodos para interceder junto aos grupos sociais com a finalidade de mediar conflitos e promover a melhor comunicação e expressão de indivíduos e grupos. Entre os métodos da Sociatria está o Psicodrama, que para Moreno, “[...] representa o ponto culminante na passagem do tratamento do indivíduo isolado para o tratamento do indivíduo em grupos” (Moreno, 1975, p.59).

Dentro do Psicodrama existem cinco instrumentos: o diretor, que é o coordenador do grupo, o psicoterapeuta; o ego-auxiliar que é a pessoa que está a serviço do diretor e do grupo para o desempenho de papéis; o protagonista, aquele que representa o grupo por meio de seu sofrimento privado; o palco, lugar onde ocorre a ação dramática e o público, que consiste no restante dos membros que ficam na postura de observadores (Nery, 2012).

Além dos instrumentos, outro ponto importante são as fases dos métodos de ação ou etapas que são classificadas por: aquecimento, dramatização e compartilhar. O aquecimento é a fase inicial de preparação do grupo e do protagonista e se divide em aquecimento inespecífico que são as falas, expressões corporais, cujo objetivo é iniciar o encontro; e aquecimento específico com o objetivo de aquecer o grupo para o trabalho socioterápico (Nery, 2012). A dramatização é o desenvolvimento da cena criada pelo protagonista (grupo ou indivíduo) que representa no contexto dramático. O conflito interno, o conflito grupal ou o tema do grupo são presentificados no “como se”, que é o “espaço entre o real e imaginário” (Knobel, 2004, p.94). O compartilhar é o momento de expressar as emoções do que foi vivenciado. O diretor e os egos-auxiliares contribuem para que os participantes entendam como estes se sentiram com a vivência. Por meio dos relatos o grupo cria muita empatia (capacidade de se colocar no lugar do outro) e torna-se terapêutico para todos os participantes (Nery, 2012).

Além disso, temos ainda dois conceitos de extrema relevância no Psicodrama: a espontaneidade e a criatividade. O conceito de espontaneidade é central no pensamento moreniano e dominou toda a sua pesquisa, durante sua vida. Para ele, espontaneidade é definida como a capacidade de responder de forma nova às situações recentes ou às situações antigas. Espontaneidade, criatividade e sensibilidade seriam recursos inatos do homem, que desde o início, estariam acompanhados tanto de fatores favoráveis ao seu desenvolvimento, quanto de tendências destrutivas (Ramalho, 2002).

Já a criatividade, conforme Fonseca Filho (1980) é a alma de toda a existência orgânica. Considera-se que a Criatividade não está associada a nenhum elemento único, mas a dual combinação de elementos, como processo de interação entre – talento individual, domínio e campo de juízes ou instituições (Gardner, 1996).

1.2. A velhice e seus significados

O envelhecimento é um processo que atinge todos os seres humanos, e se caracteriza como um processo dinâmico, progressivo e irreversível, ligado intimamente a fatores biológicos, psíquicos e sociais (Brito & Litvoc, 2004).

Além disso, de acordo com Néri (1995), a qualidade de vida para a terceira idade atual, assim como bem-estar psicológico e o envelhecimento satisfatório, depende muito do equilíbrio entre o que se pode fazer e o que não se pode realizar nesta fase da vida, pois assim, o idoso

pode lidar de maneira mais positiva com as perdas que são inevitáveis durante todo o processo de envelhecimento.

Conforme Assis & Araujo (2004), o envelhecimento e suas alterações de saúde levam o idoso ao estreitamento da sua inserção social. As alterações físicas, como perdas sensoriais (déficit auditivo e visual), déficits cognitivos, problemas articulares, ou descontrole de doenças crônicas, são fatores que limitam a mobilidade e independência do idoso, afetando sua sociabilidade, atividades diárias e bem-estar.

De acordo com Moreno (1975) as atividades voltadas ao público idoso possuem objetivo terapêutico, pois são capazes de desenvolver fatores de relacionamento grupal e a espontaneidade, assim criando um clima de acolhimento e abertura. Moreno (1998) salienta que o material emocional que geralmente individualiza os membros do grupo se transforma em conteúdo vitalizante e energizado.

1.3. O luto na terceira idade

O luto é um processo interno que se desencadeia a partir da perda de algo significativo ou alguém amado, significando que “luto” não tem relação apenas com a morte, mas sim com todas as perdas que o sujeito vivencia ao longo de sua existência. Apesar de doloroso, porque inclui a percepção da perda, o luto é um momento necessário que visa representar e acomodar esta perda, mobilizando profundamente o sujeito porque rompe laços afetivos construídos sob o apego. A retirada da figura de apego afeta estruturas psicológicas, podendo abalar a segurança no sujeito enlutado e demais aspectos psíquicos (Bowlby, 1997).

Para Kübler-Ross (1998) existem cinco estágios de doença que podem descrever a forma como reagimos as perdas:

- Negação: o sujeito se isola, e nega a possibilidade/existência da morte ou perda de algo no decorrer da sua existência.
- Raiva: revolta e indignação com a situação;
- Barganha: criam-se expectativas para mudar a situação real e se fazem promessas em troca de cura ou resolução da situação;
- Depressão: sensação de remorso do que deixou de fazer, esses pensamentos geram culpa, fazendo-o se sentir derrotado e impotente, mas depois consegue ver novas possibilidades;

- Aceitação: fisicamente, pode se sentir frágil e debilitado, deseja ficar só e dormir, mas emocionalmente está melhor, pois absorve e aceita a realidade e percebe a situação como grande aprendizado de vida.

Moreno (1971/1992), procurando um sentido para a existência aparentemente vazia de significados, questionava-se se somos somente uma massa perecível ou o centro de toda a criação e se, diante do sentimento de terror da finitude, seria possível preenchermos o vazio fazendo renascer, criativamente, o divino dentro de nós. Remete à importância de evocar um grau de flexibilidade no sujeito, para que ele possa enfrentar as situações diárias de luzes e sombras, satisfações e frustrações, dispondo, assim, de um estado espontâneo de prontidão para responder aos conflitos adequadamente, mais livres da interferência das conservas culturais (Moreno 1971/1992).

2. METODOLOGIA

Este estudo caracterizou-se como pesquisa exploratória porque teve como principal objetivo desenvolver e esclarecer conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas e hipóteses pesquisáveis para possíveis estudos posteriores. Foi descritivo pois descreveu características de uma determinada população ou fenômeno (Gil,2006). A abordagem utilizada foi qualitativa, pois empregou diferentes concepções filosóficas, estratégicas de investigação e métodos de coleta, análise a interpretação de dados (Creswell, 2010).

Quanto aos participantes do grupo, foram idosos com idade igual ou superior aos sessenta anos de idade, residentes da cidade de Cocal do Sul e que já faziam parte de um grupo. Os mesmos precisavam estar passando por situação de luto de papéis (não apenas de morte, mas considerando todas as perdas perante a vida). Os encontros foram realizados no Centro de Eventos da cidade, onde havia um espaço disponível para realização das atividades propostas para o grupo.

A pesquisa foi apresentada e para aqueles aceitaram foram destacadas as modalidades dos encontros: Psicodrama. Este artigo apresenta o recorte da primeira sessão, utilizando as etapas pertinentes (aquecimento, dramatização e compartilhamento), gerando vínculo e assim proporcionou-se uma vivência psicoterapêutica para todos os integrantes do grupo.

Esta pesquisa foi submetida ao conselho de Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) sob o número 3.375.889. Os participantes não foram identificados em nenhum momento do estudo.

2.1. Aquecimento

Conforme Cukier (1992) o paciente/grupo chega à sessão carregado de tensões, essas não apenas relacionadas aos conflitos intrapsíquicos que solicita ajuda, mas também relacionadas a outros fatores aleatórios. E a tarefa inicial é auxiliá-lo a ir se desligando para que consiga mergulhar inteiramente nos assuntos que realmente queira trabalhar naquele momento.

Fatores semelhantes também ocorrem com o terapeuta/diretor, há uma necessidade de desligar-se dos outros papéis de sua vida, e na vida profissional a cada entrada e saída de pacientes é necessário desligar-se dos conteúdos do paciente anterior e oferecer-se por inteiro ao atual paciente (Cukier, 1992). Desta forma a diretora iniciou o encontro aquecendo o grupo com um aquecimento inespecífico: diferentes sensações de caminhar

Diretora: Gostaria que o grupo se levantasse e lentamente fossem caminhando pelo espaço da sala, sentindo seu corpo se mover. E agora comece imaginar que você está caminhando com os pés descalços na beira do mar, sobre a areia fofa, a água passando pelos seus pés, enquanto você ouve o barulho das ondas do mar. Imaginou? Nessa caminhada vai sentindo este momento e começa expressar no seu rosto a sensação que a caminhada está te provocando; neste momento o cenário mudou, imagine que vocês estão caminhando sobre as pedras (pedrinhas), vai sentindo a sensação das pedras em baixo dos seus pés, o que elas causam em você? Comecem a expressar em seu rosto o que você está sentindo neste momento; as pedras se foram e agora você está caminhando sobre o asfalto quente, qual a melhor forma de caminhar? A cada passo o chão se torna mais quente, até se tornar insuportável, qual sua reação? Vai expressando através do seu rosto; agora volte para a sala então continue caminhando lentamente, sentindo o movimento do corpo, desde a ponta do pé até o topo da sua cabeça. Preste atenção, sinta seus pés caminhando, suas mãos, seus ombros (que catalisam muita tensão no dia a dia), relaxando e soltando o corpo. Depois disso convido vocês para sentarem de forma confortável e fecharem os olhos (“...”). E agora você está caminhando relaxadamente sobre a grama, sentindo sua textura, o tocar dos seus passos e vai expressando sua sensação.

Para Cukier (1992) o aquecimento, é imprescindível enquanto requisito técnico inicial de uma sessão psicodramática. Para as idosas o aquecimento propiciou a imersão na temática e a participação majoritária do grupo nas cenas posteriores.

Dando continuidade, a diretora usou o psicodrama interno, acerca do qual Cukier (1992, p.54) relata, “entendo um trabalho de dramatização onde a ação dramática é simbólica”. A diretora utilizou o psicodrama interno da seguinte forma: agora se imagine caminhando em uma estrada bem longa e silenciosa, mas preste atenção, pois a cada passo você se torna menor, você vai diminuindo, e quando se tornar bem pequeno se transformará em uma “bolinha” tão leve que será possível se teletransportar para o início da sua vida, e como uma mágica chegamos na sua infância. Como você está vestido? Que idade imagina que tem? Onde você está? Qual sua brincadeira favorita? Como é sua casa na infância (madeira ou alvenaria, grande ou pequena, afastada ou mais centralizada)? Quais suas lembranças? Neste momento você pode encontrar seus pais, irmãos, quem era importante para você? Como eles te tratavam? Nossa viagem continua e agora crescemos um pouco, e chegamos na juventude. Como você está aqui? Lembra do seu rosto, do seu corpo, como se sentia nesta fase? Quais eram seus medos? E também seus sonhos? Quais foram os momentos que marcaram sua juventude? O tempo continua passando... E você se tornou adulto, ganhou algumas coisas e perdeu outras. Mas como você está aqui? Solteiro/Casado? Com filhos/sem filhos? O que fazia nesta época? Quem eram as pessoas importantes? Quais seus medos e quais seus sonhos? A viagem continua, pois por mais que queira o tempo não para, não congela, ele simplesmente fluí como um rio sem volta. Chegamos a fase de hoje, aqui e agora. Quem é você hoje? E como você se sente idoso? O que mudou no decorrer dessas fases da vida? Agora lentamente vai se despedindo da viagem, volte a sentir seu corpo, sua respiração e antes de abrir os olhos gostaria que olhasse para suas fases de vida: a criança, o jovem, o adulto e idoso e pensasse “qual deles está precisando de cuidado no momento?” e “em qual dessas fases você gostaria de ter mais cuidado?” Vá abrindo os olhos lentamente e olhando as pessoas a sua volta. Como vocês estão se sentindo?

Para Victor Dias (1994) a utilização do psicodrama interno e sensibilização corporal desenvolvem uma postura para trabalhar o material excluído sem torná-lo consciente. A mobilização ocorrendo dessa forma propiciou um resgate dos conflitos vividos. Em seguida a diretora solicitou um breve compartilhamento por parte das idosas, onde relatassem os períodos mais difíceis das suas vidas.

Em seguida, inicia-se o preparo para a eleição de um protagonista no grupo. Para Rojas-Bermúdez (2016) protagonista ou paciente é a pessoa no qual se centraliza o processo de dramatização. Traz o tema conflituoso para a dramatização e também ao mesmo tempo desempenha. No Psicodrama de grupo o protagonista é considerado o emergente dramático do grupo, ou seja, é o tema de todos os participantes do grupo, assim sua valorização é do ponto de vista grupal e individual (Rojas-Bermudez, 2016).

Desta forma, a diretora ouviu o relato de cada uma das participantes para o grupo eger a história que mais se identificou e ocorrer a escolha da protagonista. O grupo escolheu a participante A.F como protagonista deste encontro após o relato abaixo:

Participante A.F: O momento mais difícil foi quando meu marido morreu, ele sempre me deu muito trabalho também porque ele bebia, era alcoólatra, mas depois que faleceu eu me sentia pai e mãe né, e meu filho entrou nas drogas e eu sofri muito. Eu tenho três filhos a mais velha nunca me deu trabalho só sabe trabalhar, mas os meus dois filhos homens... O meu filho mais novo se recuperou, conseguiu sair das drogas graças a Deus, hoje ele está namorando, morando sozinho e eu também moro sozinha. Foi o que a psicóloga sugeriu quando ele saiu da clínica, para que ele não voltasse a morar no mesmo lugar e acabar voltando para mesma vida e amizades. O mais velho está preso, ele começou a comprar coisas roubadas e trocar por droga, mas ninguém queira saber a dor de ver a polícia prender teu filho dentro de casa ali na minha frente. Tem gente que pergunta se eu não tenho medo de morar sozinha, porque lá em casa está tudo furado de bala, porque uma vez era meia noite e meia, eu dormindo sozinha em casa e começaram a chamar ele na rua, e falavam palavrão e atiraram na parede do meu quarto e ele nem estava em casa, não me atacaram porque não era para ser. Hoje eu não tenho mais medo de viver ali sozinha, minha filha mora ali pertinho e tenho dois netos, o mais velho tem vinte e dois anos e o outro já tem dezoito. Esse que está no presídio a gente vai lá uma vez por mês lá visitar né.

Diretora: Agora vamos levantar um pouquinho, vamos olhar para as pessoas e vamos abraçar a pessoa cuja história os tocou.

Então neste momento a diretora pediu permissão do grupo para cuidar um pouquinho da protagonista escolhida, levando-a até o centro e pedindo para os outros se sentarem, enquanto relatava a cena e caracterizava o cenário. Conforme Nery (2012), o Psicodrama é caracterizado por trabalhar com um membro do grupo como protagonista, seu drama individual é conectado

com o drama coletivo e, através da identificação dos membros do grupo com o protagonista ocorre a catarse de integração.

2.2. Dramatização

De acordo com Ramalho (2010) a dramatização é a etapa do “como se”, na qual é possível trabalhar com a realidade suplementar. Essa etapa é o ponto em que os personagens já definidos ganham vida e autonomia para entrar em ação. Assim, pediu-se para a protagonista escolher uma de suas amigas para vir representar o “filho que está na prisão”.

Em seguida foi realizada a entrevista no papel que para Fonseca Filho (2008) é quando o terapeuta/diretor em seu próprio papel entrevista o personagem interno incorporado pelo paciente.

Diretora: Agora eu gostaria de conhecer seu filho um pouquinho tudo bem? Então você (mãe) vai ser um pouquinho seu filho.

Diretora: Quantos anos você tinha quando foi preso?

Após inversão de papéis a idosa toma o papel do Filho:

Mãe no papel de filho: vinte e cinco anos

Diretora: “Fulano” Quando você entrou nas drogas você sabia que estava errado?

Mãe no papel do Filho: Sim

Diretora: Que idade você tinha quando começou se envolver nisso?

Mãe no papel de Filho: Uns vinte mais ou menos

Diretora: Me conta um pouquinho se você gostava de estudar, como era o seu círculo de amizades?

Mãe no papel de Filho: Eu não incomodava na escola, mas comecei fazer umas amizades que sabia que minha mãe não ia gostar.

Diretora: Então você escondia esses amigos da mãe né?

Mãe no papel de Mãe no papel Filho: Sim! A mãe tinha que cuidar da casa, cuidar dos outros filhos.

Diretora: Como que a mãe ia ter tempo de olhar pra ti se tinha que olhar para um monte de coisas, a mãe até tentava achar tempo para você, mas também precisava dar conta de um monte de coisas.

Duplo feito pela diretora (papel do filho): Mãe a culpa não é sua, eu escolhi este caminho. Eu sempre soube que a senhora estava lá, mas foi minha escolha. Você foi pai e mãe e fez tudo que podia.

Através da técnica do duplo, o ego auxiliar consegue adotar expressões e até mesmo captar sentimentos e emoções do protagonista, assim gerando vínculo e facilitando a comunicação de conteúdos que o próprio protagonista muitas vezes não consegue expressar verbalmente (Moreno, 2001). Ainda, para que realmente ocorra um fluir da cena, sem que se converta em um show, coloca-se o protagonista nos papéis que fazem parte do contexto, para que os egos auxiliares aprofundem a compreensão do contexto e das características, permanecendo a dramatização com base no real para aquele sujeito (Bustos, 1992). Nesse sentido, a inversão de papéis permitiu também aos egos auxiliares compreenderem a idosa e seus sentimentos em relação ao filho.

Após isso, a diretora pede que a mãe volte ao seu papel e chame uma pessoa do grupo para ser o seu filho.

Diretora: Mãe! Agora diz para ele todas as coisas que a senhora deu para ele na vida.

Mãe: Uma vez eu ganhei um dinheiro de herança e acabei entregando para ele, mas ele colocou tudo nas drogas.

Diretora: Isso é o que as mães fazem, confiam nos seus filhos e sempre querem fazer o melhor. Agora escolhe pessoas para representar todas as coisas que a senhora conseguiu dar para ele.

Conforme Cukier (1992) a técnica de concretização consiste na materialização de objetos abstratos assim como emoções, conflitos, doenças orgânicas entre outras. O terapeuta/diretor solicita que o paciente lhe mostre concretamente. Neste caso concretizou-se tudo que ela ofereceu ao filho.

Desse modo, com a dramatização e a concretização, a protagonista pode vivenciar o drama, concretizando-o na realidade suplementar. A imaginação é a base nesta etapa, pois a vivência se aprofunda no “como se”, aqui se pode utilizar as diversas técnicas de ação (ou não) psicodramáticas para resolução dos conflitos e reafirmação da identidade (Nery, 2003). Vivenciar o drama não significa renovar o sentimento relacionado àquele tema, mas que: “toda e qualquer segunda vez verdadeira é a libertação da primeira” (Moreno, 2003, p. 78). Assim, a protagonista pode fortalecer a relação com seu filho, dando um novo sentido ao seu papel de mãe.

Diretora: Vai lembrando de todas as coisas que você ofereceu ao seu filho.

Mãe: Amor

Diretora: Quem dá amor recebe também

Mãe: Tempo

Diretora: O que mais?

Mãe: Conversas

Diretora: Eu conversei muito com ele, e o que mais?

Mãe: Cuidado

Mãe: Minhas orações

Diretora: Eu apresentei Deus para ele.

Diretora: Mãe! Quantas coisas você conseguiu dar para o seu filho. Agora vai entregando cada uma dessas coisas para ele. Entrega.

Mãe e Diretora: Agora eu te entrego o meu amor

Diretora: Eu continuo te amando, mas agora é contigo

Mãe e Diretora: Entrego o cuidado

Diretora: Eu sempre cuidei de ti, mas agora eu também preciso cuidar de mim

Mãe e Diretora: A conversa

Diretora: Quantas vezes conversei contigo, disse para não ir por este caminho. Meu filho te falei tantas vezes, mas agora é contigo.

Mãe e Diretora: Entrego-te o cuidado

Diretora: Antes de você nascer eu já estava cuidando de você, mas agora você também precisa se cuidar.

Mãe e diretora: Deus

Nesse processo construtivo do papel de mãe, Strey (2007) destaca que as interações familiares promovem ideologias e estereótipos que são transmitidos no decorrer das gerações. Isso implica em consequências importantes sobre como os papéis de gênero serão vivenciados em cada família e reproduzidos na sociedade. A pressão cultural sobre as mulheres pode ser considerada como uma das mais fortes e persistentes (Strey, 2007). Assim continua a protagonista a relatar todas as coisas que oferece para o filho, e mesmo assim sofre por muitas vezes pensar não ser o suficiente, o que remete à lógica afetiva de conduta: “eu preciso cuidar para ser amada como mãe”.

O conceito lógica afetiva de conduta foi descrito por Nery (2003) como aquilo que liga o núcleo do conteúdo transferencial: onde uma resposta defensiva pode ser transferida para outros papéis sociais, movimento chamado de efeito cluster. Nesse sentido tal lógica se associa à matriz familiar (Nery, 2003). Conforme Dotterweich (1999), a família é essencial na vida de cada pessoa. É através dela que surgem os valores, que se cria a esperança, o amor e o afeto. É na família que nasce o respeito, a atenção e o cuidado com as pessoas a sua volta. É na família que se aprende a forma de fazer e manter vínculos (Nery, 2003).

Diretora: Eu apresentei Deus para você e sempre rezei por você, mas agora é com você.

Diretora: Agora eu quero que a senhora se aproprie de todas essas coisas que a senhora deu para ele, porque é muita coisa.

Ego auxiliar no papel de Filho: Mãe! A senhora me deu tudo que eu precisava na vida, e eu nunca vou esquecer isso.

Diretora: Até agora eu cuidei só de você, mas agora começa a te cuidar, cuida da sua casa, do teu coração, da sua saúde e deixa agora os teus filhos cuidarem de você.

Nesse momento a diretora pretendeu esclarecer as conservas culturais vigentes, mostrando que as mesmas não respondem mais à situação atual. As conservas culturais são consideradas importantes na vida do sujeito, pois é através delas que se têm registros históricos e se constroem valores sociais (Manzoni, 2008).

Estas são “[...] respostas aprendidas ao longo da vida, através das quais se estabelece o controle da sociedade sobre o comportamento de seus membros.” (Aguiar, 1990, p. 124). Conforme Aguiar (1990, p.124-125): “[...] pode ameaçar sua identidade, posto que a aceitação social fica comprometida e, com ela, o reconhecimento de que o indivíduo integra a mesma comunidade e desfruta todas as vantagens vitais dessa integração”. As conservas culturais apresentam rigidez em relação ao crescimento do sujeito, caracterizando-o caráter de cristalização, onde as respostas aprendidas com o decorrer do tempo se transformam em verdade absoluta, o que impede a propagação da espontaneidade do sujeito (Aguiar, 1990).

Desse modo, a protagonista encontrava-se conservada em um papel rígido de mãe, que implicava em cuidar do outro e evitar o autocuidado. Ao estimular com os duplos o autocuidado a diretora deu uma nova resposta à cena, promovendo a ação espontânea.

Em seguida a diretora se volta para o grupo e estimula a participação dos mesmos, assim gerando mais empatia e acolhimento entre os membros. Segundo Bowlby (1997/2015, p. 96),

o vínculo afetivo “[...] é a atração que um indivíduo sente por outro indivíduo, sendo isto resultado de suas relações e comportamentos sociais”. Dentro de uma visão holística, a personalidade está relacionada à cultura, ao contexto e a situação de vida em que em que vivemos. Na ação, vivenciamos os papéis sociais que possuem funcionamento específicos, gerando uma resposta totalizadora ao ambiente onde estão presentes os estímulos internos como: cognição, história pessoal e afetividade (Nery, 2003).

Diretora: O que vocês (grupo) gostariam de dar para ela agora?

Grupo: (paz, abraço, esperança, cuidado, amor, admiração)

Todo ser humano necessita de uma figura de ligação, alguém em que confiar alguém que lhe ajude nas adversidades da vida, que servirá como base para o sujeito, aquele com quem ele irá vincular (Bowlby, 1997/2015). Desse modo, torna-se relevante o fortalecimento e o desenvolvimento de vínculos para idosos (Ferreira, 2003), o que a diretora tentou propiciar ao final desta sessão.

2.3. Compartilhamento

Momento de processamento sobre todas as cenas que eles produziram e que possuem relação com suas próprias vidas. Onde o grupo vai compartilhar situações semelhantes à história da protagonista (Ramalho, 2010). Ramalho (2010) comenta que essa é a última etapa da sessão, e nela todos os participantes são solicitados a compartilhar com o protagonista um pouco dos seus sentimentos, emoções e pensamentos relacionados ao trabalho dramático.

Participante C.F: Tenho um sobrinho também que está nessa situação, está preso e é um neto que minha mãe criou com carinho e amor. E meu pai e minha mãe deram para este neto tudo aquilo que nós filhos não tivemos, ela sempre deu conselhos, conversava com ele e sempre fez tudo que ela podia fazer por ele, mas não adiantou. E ela sofre, eu vejo a minha mãe sentada na cadeirinha dela, ela não fala, mas a gente percebe o sofrimento dela.

Participante M.F: E eu tenho aquele meu neto, filho do meu filho que faleceu, ele tem dezenove anos e a gente já sabe que ele está nas drogas, de vez enquanto a gente liga para ele, marca vai para Criciúma compra as coisas que ele precisa, passeia junto mas a gente sabe que ele está nas drogas. Um dia na praia minha filha mais velha achou na mochila dele.

Participante T.M: Às vezes eu penso que seria bem pior ver meu filho nas drogas ou preso do que ver ele com essa mulher que ele se casou. Mas mesmo assim eu não aceito.

Para Morin e Hadler (2013), o Psicodrama é a ação dramática que pode ser trabalhada em grupos e pode desenvolver a espontaneidade e a criatividade enfraquecidas em cada indivíduo que busca o apoio para a reabilitação psicossocial. Os dependentes químicos e seus familiares, segundo Kellermann e Hudgins (2010), sofrem psicologicamente em razão do uso da substância química, e por este motivo o método psicodramático pode ajudar o dependente e seus familiares a adquirirem controle e domínio sobre a sua vida, além de viver experiências que proporcionem reparações de papéis e padrões de relacionamentos. Nesse sentido, a protagonista pode perceber o quanto o padrão rígido em seu papel como mãe de uma pessoa em situação de dependência lhe adoecia igualmente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível ir além da teoria e reafirmar o quanto o grupo é importante na vida dos idosos, pois nele é possível criar novos vínculos de amizade e pertencimento. Assim construindo relações saudáveis, promovendo algumas horas de atividades lúdicas e terapêuticas.

Acreditamos na capacidade que o Psicodrama possui de ir além do consultório, permitindo usar de várias técnicas e recursos para auxiliar na compreensão e desenvolvimento de novos papéis na vida das pessoas que vivenciam processos de luto de papéis. Salientamos a importância de desenvolver projetos direcionados aos idosos, pois possuem uma grande necessidade de pertencimento e o quanto se faz necessário motivá-los.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, M. (1990) *O teatro terapêutico: escritos psicodramáticos*. Campinas: Papyrus.
- Assis, M. & Araújo, T. D. (2004) Atividade e postura corporal. In Saldanha, A.L. & Caldas, C.P. (Org), *Saúde do Idoso: a arte de cuidar*. (p. 83-86) (2ª ed.) Rio de Janeiro: Ineterciência.
- Bowlby, J. (1997/2015) *Formação e rompimento dos laços afetivos*. Tradução de A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes.
- Brito, F.C & Litvoc, C. J. (2004) Conceitos básicos. In: Brito, F.C. & Litvoc C. J. (Org.), *Envelhecimento – prevenção e promoção de saúde*. (p. 1-16). São Paulo: Atheneu.
- Bromberg, M. H. P. F. (2000). *A psicoterapia em situações de perdas e luto*. Campinas, SP: Livro Pleno.

- Bustos, D. M. (1992). *Novos rumos em psicodrama*. São Paulo: Atica.
- Cukier, R. (1992). *Psicodrama Bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente*. São Paulo: Ágora.
- Cukier, R. (2018) *Vida e Clínica de uma psicoterapeuta*. São Paulo: Ágora.
- Creswell, J.W. (2010) *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Dias, V. R. (1994). *Análise psicodramática: Teoria da Programação Cenesésica*. São Paulo: Editora Agora.
- Dotterweich, K. (1999). *Terapia da família*. São Paulo. Ed. Paulus.
- Ferreira, A. B. H. (1986) *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. (2ª Ed. 32ª imp). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Ferreira, M. L.M. (2003) *Memória e Velhice: do lugar da lembrança* (3.ed) Rio de Janeiro:FGV.
- Fonseca Filho, J. (2008) *Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno* (7a ed.). São Paulo: Ágora.
- Gardner, H. (1996). *Mentes que criam*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gil, A. C. (2006). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Kellermann, P. F.; Hudgins, M. K. (2010). *Psicodrama do trauma: o sofrimento em cena*. São Paulo: Ágora.
- Knobel, A. M. (2004). *Moreno em ato*. Editora Agora.
- Kubler-Ross, E. (1998). *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes.
- Manzoni, J. D. A. M. (2008). *Contribuições dos jogos dramáticos no resgate da espontaneidade*. Faculdade de Ciências da Saúde - FACS: Psicologia. Brasília.
- Marra, M. M. (2004). *O agente social que transforma: o sociodrama na organização de grupos*. Editora Agora.
- Monteiro, P. P. (2003). *Envelhecer: histórias, encontros, transformações*. (2 ed.) Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Morin, P. V., & Hadler, O. H. (2013). Mosaico de vidas: reflexões sobre sociopsicodramas na saúde coletiva. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 21(1), 55-66.

Moreno, Z. T. (1975). *Psicodrama de crianças*. Rio de Janeiro: Vozes.

Moreno, J. L. (1992). *As palavras do pai*. Campinas, SP: Editorial Psy. (Trabalho original publicado em 1971).

Moreno, J. L. (1988). *Fundamentos do psicodrama*. São Paulo: Editora Agora.

Moreno, Z. T. (2001). *Realidade Suplementar E a Arte de Curar*. Grupo Editorial Summus.
Moreno, J. L. (2003) *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix.

Neri, A. L. (1995). *Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida*. Campinas: Papirus.

Nery, M. D. P. (2003). *Vínculo e afetividade*. Editora Agora.

Nery, M. D. P. (2012). *Grupos e intervenção em conflitos*. São Paulo: Ágora.

Ramalho, C. M. R. (2002) *Aproximações entre Jung e Moreno*. São Paulo: Ágora.

Ramalho, C. M. R. (2010) *Psicodrama e dinâmica de grupo*. São Paulo: Ed. Iglu.

Rojas-Bermúdez, Jaime G. (2016) *Introdução ao psicodrama*. São Paulo: Editora Agora.

Strey, M. (2007). Gênero, família e sociedade. In Strey, M; Silva Neto, J. A. & Horta, R. L. *Família e gênero*. Porto Alegre: EDIPUCRS.